

# A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETÁRIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e números  
avulsos : aos Portugais no sr. David Corazzi, 42, rua  
da Atalaia, Lisboa; e no Brasil, no sr. José da  
Machado, 16, rua da Quintana, Rio do Janeiro.  
Preço da numeração à Rússia, 1 franc.

7º ANNO.—VOLUME VII.—Nº 20

PARIS 20 DE OUTUBRO DE 1890

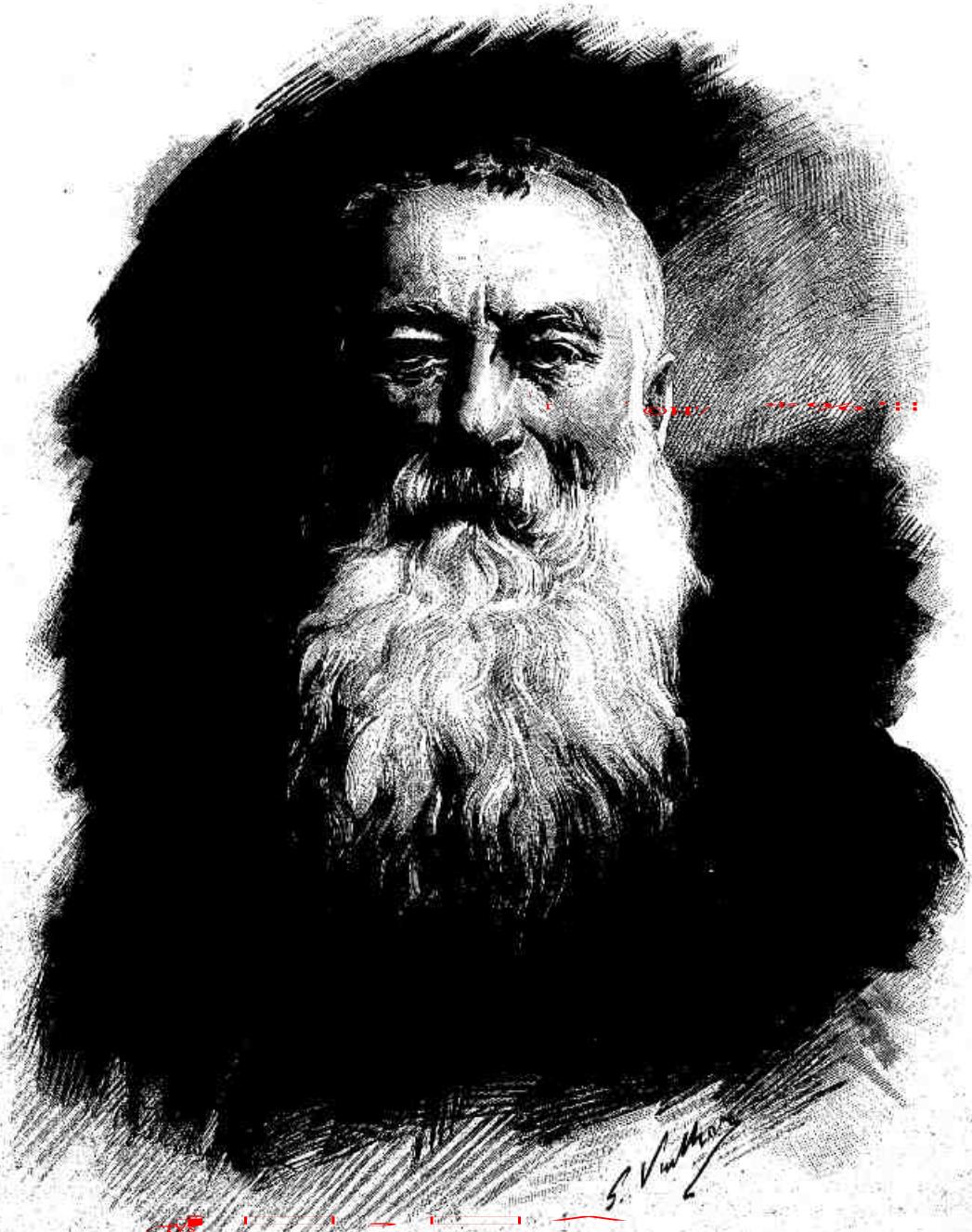
Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAIA, LISBOA

ASSIGNATURAS :

|            |        |      |
|------------|--------|------|
| ANNUAL     | S. 400 | KRIS |
| SEMIANNUAL | 200    | —    |
| TRIMESTRAL | 100    | —    |
| MENSUAL    | 10     | —    |



ALPHONSE KARR, FALLECIDO EM 30 DE SETEMBRO.



## CHRONICA

ALPHONSE KARR

**A**S pessoas que tem entrado no meu gabinete de trabalho — modesto gabinete empoleirado n'um quarto andar de Paris — tem podido ver, por sobre a minha banca, os retratos de trez escriptores que se chumam — Proudhon, Karr e Roschfort.

São trez das minhas grandes admiracões, são tres das minhas grandes adorações literarias.

Proudhon é o pensador incomparavel, o philosoph, o economista, o politico, o critico, que mais ideias semeara na segunda metade d'este seculo; o socialista excommunicado por toda a burguezia do tempo de Napoleao III, por que annuncioi a crise social em que hoje nos debatemos, porque previo em 1840 todos os perigos que adviriam para a França d'uma potencia aljémia, assim como d'uma unidade italiana, e porque pregou o tão querido federalismo e a tão querida descentralização, que hoje parecem ser os únicos recursos para a salvação de certos paizes gastos pelo parlamentarismo e pela centralização descontentada.

Karr é o meu segundo Deus, pela serenidade do seu espírito, pela bondade da sua alma, pela vivacidade da sua critica e pitoresco das suas reflexões, por este perfume particular de bom humor, rerve gauleza e saude perfeita, que as suas paginas exhalam. Folhear as *Guepes* é para mim tão grato e tão risônho, como almoçar na companhia d'um amigo querido, n'um restaurante de Paris, ouvindo-lhe confidencias e anedotas, e sairmos depois de braço dado, sumando um charuto, ao longo dos boulevards, por uma d'estas tardes de outubro, que o sol aquece e doura, alegrando tudo — as arvores, as casas, as flores, as mulheres, e até mesmo os enterros!...

Rochefort, esse então não é só um Deus, é para mim um Diabo tentador, que sempre me seduz e sempre me arrasta, pela audacia, pela ironia, pelo vigor da polemica, pela doida fantasia das suas chronicas, em cuja prosa se sente prepassar o que quer que seja do mesmo fogo mysterioso e diabolico que enflamma as polemicas e as criticas de Voltaire.

E' pois com verdadeira magua que hoje lhes fallo de Alphonse Karr, falecido ha pouco em Saint-Raphael, para onde se havia retirado ha muitos annos, e onde passava os dias cultivando flores e escrevendo artigos para o *Moniteur universel*.

Para a actual geração litteraria, Alphonse Karr havia já morrido ha muito tempo. E os novos escriptores franceses, nos necrólogios que lhe traçaram, foram injustos e cruéis para com o autor das *Guepes*, por não ter deixado uma obra mais solidia e mais duradoura.

Mas por acaso pode ser solidia e duradoura a obra d'um jornalista?...

Alphonse Karr passou a maior parte da sua vida d'escriptos analysando os homens e os acontecimentos do seu tempo. Os homens morreram, os acontecimentos passaram. Podia por acaso critica ficar de pé, vivendo uma vida propria, quando o individuo ou o acontecimento que a inspiraram haviam de todo desaparecido?...

Um outro grande escriptor da sua geração, foi Emile de Girardin. Quem é ahí capaz de lhe negar o immenso talento?... E por acaso a sua obra passou além da sua morte?...

Se hoje se não lá Alphonse Karr nem Emile Girardin, com a mesma curiosidade e o mesmo interesse com que se lê Proudhon e Louis Blanc, é porque aquelles escreviam *artigos*, enquanto estes escreviam *livros*. Mas deêm-se ao trabalho de folhear os *livros* de uns e de reler os *artigos* de outros, e encontrarás em todos o mesmo cunho, a mesma superioridade de talento, que tanto distingliram os publicistas da monarchia de Juilo e do segundo imperio.

Quem conhece hoje Edmond About, a não ser por um ou dois volumes que elle mediu e trabalhou nas horas de repouso da sua brillante carreira de jornalista?... Quem é que relê os artigos de Prevost-Paradol?... Quem é que relê os artigos de Neftzer?... Quem é que relê as chronicas do *Figaro* de Rochefort, ou os numeros da sua famosa *Lanterne*?...

Obras solidas e duradouras?... Mas quem é que as pode escrever, a não ser o artista, ou o philosoph, a não ser Balzac, ou Auguste Comte, a não ser Victor Hugo, Zola, Taine ou Renan?... E podemos por acaso ter a certeza de que as suas obras sejam realmente bem solidas e bem duradouras?...

Alphonse Karr, assim como Girardin, escrevia apenas a critica de momento, a critica do homem ou do acontecimento que durante uma hora, um dia, ou uma semana, chamavam a attenção do publico. Os seus artigos respondiam a exigencias instantaneas da opiniao, o que não quer dizer que esses artigos não fossem superiormente escriptos.

Os philosophos como Taine ou Renan, fazendo a analyse, não de acontecimentos humanos de um dia, mas do estado de espirito d'uma geração, abrangem com a sua critica maiores espaços de tempo e maiores porções de humnidade, — o que não quer dizer que os seus estudos vençam a indifferença dos seculos futuros. Quando a geração ou o seculo que elles procuram criticar deixar de interessar a humnidade, os seus livros hão de ficar esquecidos nas bibliotecas, como os artigos de Karr ou de Girardin que criticavam acontecimentos que poucos hoje conhecem, ou pelos quais ninguem hoje se interessa.

Não é bem extraordinaria toda a obra de Saint-Beuve?... Pois a proporção que vão ficando esquecidos os livros que o grande critico commenava, os *tundis* de Saint-Beuve vão perdendo o encanto e a grandeza que se lhes encontrou na primeira leitura.

Nada n'este mundo é solido, nem duradouro, isto é, nada n'este mundo pode, passado um seculo ou dez seculos, despertar o mesmo interesse e a mesma curiosidade que despertou no momento da sua apparicao.

Alphonse Karr já não era do nosso tempo, já não interessava a nossa geração, porque era um dos raros sobreviventes de 1830, e conservou-se sempre 1830 até à hora da morte.

Transigir ou transformar-se, para quê?... Para agradar à nova geração litteraria, que por sua vez estará em desacordo com o ideal ou o ponto de vista da geração do seculo XX?...

Veio o mundo das letras com os românticos e com os notaveis publicistas do tempo de Carlos X e de Luiz-Philippe. Veio ao mundo da imprensa n'uma epocha em que só se exigia do jornalista, — que escrevesse n'uma prosa facil, de leitura agradável, e onde houvesse muito bom-senso.

Hoje o journalismo parece desdenhar d'estas qualidades que, por parecerem simples, nem por isso deixam de ser superiores, — e o jornalista precisa rechear-se de muitas doses de erudição para poder falar de tudo, e ter o ar de saber tudo.

Hoje em dia o jornalista tem de ser como S. M. o ex-imperador do Brasil, que fala aos astrónomos de astronomia, aos literatos de literatura, aos medicos de medicina, aos agro-nomos de agricultura, aos philosophos de phi-

losophia, aos escultores de escultura, com um tom de quem sabe tanto d'esses assumptos como os mais habéis especialistas.

O jornalista *fin de siècle* tem obrigação de estar sempre preparado para em menos de uma hora escrever um artigo notabilissimo [oh! notabilissimo!] sobre os habitantes do planeta Marte, ou sobre o microbio do cholera, ou sobre a direcção dos balões, ou sobre a colonisação africana, ou sobre o mal das batatas, ou sobre as amantes de Henrique IV, ou sobre o ponto do globo onde pousou a Arca de Noé.

Se no espaço d'uma hora não forjou o artigo, o jornalista não é jornalista. E se em menos d'um mes não fez cair um ministerio, não se rebenhar uma revolução, não fez saltar as instituições, ou não deu cabo do mais solido partido politico esse homem não é um jornalista, esse homem errou a sua vocação, esse homem só tem uma carreira aberta — a mercaria!

Alphonse Karr achou sempre em desacordo com a sua indole e com a sua educação, este moderno typo de jornalista.

Nasceu 1830, — e 1830 morreu. Para elle as lettras ainda não eram um officio, mas sim uma distração do espirito. No seu tempo não se dizia a um romancista:

— Preciso para o meu jornal d'um romance de adulterio, mas que não exceda 30.000 linhas. "

Hoje assim se encommendam romances aos primeiros autores franceses.

Foi esta transformação nos costumes litterarios que decidio um dia Alphonse Karr a abandonar Paris, e a ir viver isolado, primeiro para Etrebat, depois para Saint-Raphael, sobre o Mediterrâneo, deixando ás novas camadas a explorar d'uma carreira para a qual lhe sobrava rerve e bom-senso, e lhe faltava esse falso encyclopedismo que se ostentava nas columnas dos jornaes.

Não se sentir do seu tempo, ou sentir que lhe foge o publico quando se foi uma celebração durante annos, deve ser terrivel quando se não tem essa philosophia que acompanhou Alphonse Karr até ao tumulo.

Eu conheço no meu paiz velhos entrevados das lettras que não podem levar a paciencia que o publico os não acelera todas as vezes que elles saem para tomar o fresco... Pois devem pôr os olhos em Alphonse Karr. No dia em que aquela geração desapareceu e os novos tomaram os primeiros lugares, disse adeus a Paris, disse adeus a todas as glórias, e como um bom philosoph foi-se ocupar do que mais amava depois das lettras — que eram as flores.

Fez-se floricultor. Vendia rosas e violetas para Nice e para Paris. E como do seu tempo ainda havia um milheiro de leitores, assignantes fieis do *Moniteur*, era para esses que elle escrevia uma chronica todos os quinze dias.

E se — como elle acreditava — o seu espirito vive agora n'uma região superior, terá a consolação de ver que ainda ha um rapaz, dos da moderna geração, que vota á sua memoria uma grande estima e um profundissimo respeito.

MARIANO PINA.

## CORACÕES NO EXILIO

Os vossos corações, ó lirios que eu amei,  
Vieram habitar meu peito enregelado,  
Desde aquella manhã formosa em que eu vos dei  
Meu, pobre coração, meu coração maguado.  
Desde então, desde então, ó lirios aquarentas,  
Os vossos corações agitam-se em meu peito,  
Como pomadas ideias ruflando as nivais pegnas  
N'um pequeno pomital imprecificado e estreito.

Approximai-vos pois de mim, ligeiramente,  
Vinde auscultar-me o peito e em tristes commoções  
Hayais de presentir maguada e tristemente  
O concerto gentil dos vossos corações!

EUGENIO DE CASTRO.



## AS NOSSAS GRAVURAS

ALPHONSE KARR

Alphonse Karr, de quem acaba de falar largamente o nosso director Mariano Pina, nasceu no dia 24 de abril de 1808. Tinha pois oitenta e dois anos.

Foi vítima d'uma imprudência, que o robusto velho suscumbiu. Tendo sido surpreendido por um grande temporal e por muita chuva, continuou no seu jardim, depois saltou para dentro d'um barco, e foi levantar as linhas e as rudas que tinha no mar.

Seguiu-se um resfriamento, e uma bronquite deu cabo em poucos dias d'esta constiuição magnética que permitia ao celebrado autor das *Guepes* conservar n'uma idade tão avançada toda a vitalidade do seu espírito e todo o vigor do seu corpo.

Alphonse Karr foi redactor, depois director do primeiro *Figaro*.

Fundou tempo depois o seu famoso pamphlet *les Guepes* que lhe valeu o maior sucesso de toda a sua vida literária. Durante dez annos semeou neste hebdomadário as scintilações mais vivas do seu espírito, satyrizando todos os factos da vida política literária. As *Guepes* tiveram no final de Luiz-Philippe uma vogta sem precedentes nos annais do pamphlet. Pode dizer-se que annos mais tarde as *Guepes* inspiravam a Rochefort a sua assombrosa *Lanterne* contra o segundo imperio, assim como a *Lanterne* viciava a inspiração a *Léa de Queiroz* e Ramalho Ortigão para a fundação das *Farpas*.

Os seus livros mais notáveis chamam-se: *Sous les Tuilets* — *Geneviève* — *Cleopâtre* — *Une heure trop tard* — *Le Chemin le plus court* — *Voyage autour de mon jardin* — *Pour ne pas être triste*, etc.

Além d'esses livros de pura literatura onde domina uma grande sentimentalidade poética, he também a citar a notável série de volumes de crítica e de satyra, taes como: — *La Soupe au caillou* — *Messieurs les Assassins* — *Roses et Chardons* — *A bas les masques* — *Le Règne des champignons*, etc.

E' por todos esses livros encantadores que se encontra o espírito, a satyra e o bello humor de Alphonse Karr, — pensamentos adoráveis como os que encontramos agora ao acaso:

« O numero dos escritores é já inumerável e vai e irá sempre crescendo, porque é o unico ofício, assim como a arte de governar, que se ousa praticar sem os ter aprendido. »

X

« A vaidade é a espuma do orgulho. »

X

« Vejo que o homem tudo aperfeiçoa em torno d'ella; mas não vejo que se aperfeiçõe a si próprio. »

X

« Uma mulher não é com dignidade esposa e viúva senão uma vez. »

X

« Os mendigos roubam os pobres. »

X

« Os poetas nascem na província e morrem em Paris. »

X

« A felicidade! E' aquela casa tão risonha, com os telhados cobertos de musgo e de iris, em flor. E' preciso estar de fôrta; se entramos lá para dentro já a não vemos. »

X

« Li algures: O tamanho das estatutas diminui quando d'ellas nos afastamos; e o dos homens quando d'elles nos aproximamos. »

X

Alphonse Karr era filho d'um alemão, e apesar de francês, encontra-se nos seus primeiros estripitos o que quer que seja d'um melancólico germanismo. E' só nas *Guepes* que o espírito francês se revela, apresentando-nos um Alphonse Karr digno de fazer parte da família de Voltaire, de Chamfort e de Riberval.

Alphonse Karr não quis colaborar em nenhum

jornal francês enquanto durou o imperio de Napoleão III. Fixou a sua residencia em Nice em 1861, quando Nice ainda pertencia à Itália. Alguns annos depois da annexação de Nice à França, foi morar para Saint-Raphael, n'uma adorável vivenda que elle denominou: *La Maison clé*.

### AS MANOBRAS DO EXERCITO FRANCEZ

Para complemento das gravuras que publicamos no ultimo numero acerca das grandes manobras do exercito francês, que só faltadas foram em toda a imprensa europeia, — damos hoje uma paginha da revista militar que se realizou no campo de Niergnies, proximo de Cambrai, no dia 15 de setembro. Foi a revista das tropas do 1.º e 2.º corpos.

Estas tropas estavam enfileiradas em tres linhas enormes, medida de frente a infantaria 2:500 metros; a artilharia 2:000 metros e a cavalaria 1:500 metros.

A's nove horas, a carruagem do sr. Carnot, presidente da Republica francesa passou pela frente das tropas. Os soldados apresentaram armas, as bandeiros inclinaram-se, os officiaes cumprimentaram com a espada, rafam os tambores, soam os clarins, e as musicas tocam a *Marseillaise*.

Na calze do sr. Carnot, puxada por seis cavallos d'artilharia, veio o presidente, de casaca com a banda e a placa de gê-roux da Legião d'Honor, tendo ao seu lado o sr. de Freycinet, ministro da guerra. Na frente vêem sentados os generais Brault e Brugière. A portinhola da direita galopa o general Billot, a portinhola da esquerda o general Péché. Atrás seguem o estado-maior e os officiaes estrangeiros, entre os quais se vê o addido militar à nossa legação de Paris, o sr. Visconde de Perrey.

E' esse bello espetáculo militar que a nossa estampa reproduz com a maior exactidão e pittoresco.

### JEANNE SAMARY

Quer a fatalidade que este numero, que vos ser distribuído nos nossos assignantes de Portugal no dia de finados, seja um numero verdadeiramente funebre.

Na primeira pagina damos o retrato de Alphonse Karr falecido em Saint-Raphael: dentro damos o retrato da graciosa e incomparável actriz da Comédia-Françesa, Jeanne Samary, cujo nome é conhecido em todo o mundo artístico.

A morte arrebatou-a em poucos dias, na flor da idade, em pleno triunfo. Esta encantadora e espirituosissima artista, que era a mais dedicada esposa e a mãe a mais terna, notável como actriz e notável como mulher, pelas suas virtudes inúmeras, morre em Paris, no dia 18 de setembro, aos trinta e três annos d'idade, vítima d'uma febre typhoide!

A beira da sepultura disse o sr. Rouquemont, director geral das bellas-artes:

« Não era uma *soubrette*; era a verdadeira *soubrette* de Molière, isto é, a filha da raça francesa por excellencia, a quem reuniu claramente bom-senso, recetidão d'espírito, a saudável alegria da nossa raça. Ao dom do riso juntava-se o dom das lagrimas, porque a actriz sentia tão profundamente a sua propria dor como a dos outros. »

O sr. Claretie, administrador da Comédia-Françesa acrescentou:

« Na historia do nosso teatro, nas gloriosas recordações da Comédia-Françesa, o nome de Jeanne Samary ficará sempre como um duplo exemplo: o de uma incomparável actriz, o de uma esposa adorada e honrada... »

« Em nome de todos, com uma dor profunda, digo-lhe obrigado pelos seus boas e brilhantes serviços, e digo-lhe adeus. Adeus à sua imagem risonha, à sua mocidade, ao seu talento, a todos esses dons que jaimas serão igualados e que jaimas serão esquecidos! »

Jeanne Samary nasceu no dia 4 de março de 1857, em Neuilly. Sobrinha de Augustine e Madeline Brohan, entrou em 1871 para o Conservatorio, para a aula de Bressant. Em 1874 obtinha o primeiro premio de comédia e debutava com successo no dia 24 d'agosto do mesmo anno, na Comédia-Françesa, no papel de Dorine. Em 1882 casou com Paul Lagarde, um distinguido advogado de Paris.

Aos que applaudiram, como nós, Samary na Comédia-Françesa, lembramo-lhes apanas a Suzana do *Monde où l'on s'amuse*, a criada do *Tartuffo* e a extraordinaria criada das *Précieuses ridicules*, quando esta comédia era também desempenhada pelos dois Coquelin.

### BELLAS-ARTES. — O DIA DO FUNERAL

N'esta scena oriental d'uma cur tão imprevista, o notável pintor dos países do sol de novo nos testemunha as magistras qualidades do seu talento.

O orientalista que tantas vezes nos tem mostrado os interiores do harem e os pittorescos agrupamentos da multidão africana, sob o azul intenso do céu, mostra-nos hoje uma scena inteiramente oposta àquelle a que nos tem habituado.

E' um dia de funeraçao. O lucto plana sobre a habitação. No meio d'uma sala, de marmores e de fayansas claras, o cadáver do senhor está estendido, rígido e frio. Sobre o tapete em que repousa, collocaram tudo quanto em vida lhe era mais caro: as suas armas, a bandeira da patria, e, para apoiar a cabeça, a silla do corsel favorito que elle montava durante os combates. As mulhères cobertas de véus estão sentadas em volta do morto, mudas e imóveis.

Esta composição d'un caracter imponente e poetico é uma das mais admiradas do notável pintor das scenas do Oriente. Benjamim Constant revela-se aqui o mestre consumado que tantos sucessos tem grangendo nos Salons de Paris.

A reprodução do quadro é feita pelo nosso collaborador Ch. Baude. E' escusado insistir.

### UMA ESTATUA A VICTOR EMMANUEL

Celebra-se ultimamente em Florença o vigésimo aniversario da occupação da Roma pela Itália.

Por este motivo S. M. o rei Humberto, irmão de S. M. a sr. D. Maria Pia, veio a Florença presidir á inauguração d'uma estatua equestre de seu paiz, que se eleva sobre o antigo menado, e que se ficou chamarindo praça Victor-Emmanuel.

A rainha, o principe de Nápoles e o duque de Aosta acompanhavam o soberano.

Uma multidão consideravel invadiu Florença por occasião d'estas festas; e foi muito admirado o monumento consagrado au rei *gelatinoso*, monumento que é obra do conhecido sculptor italiano sr. Zocchi.

A nossa gravura representa a cerimonia da inauguração da estatua.

### O INCENDIO DA ALHAMBRA

A noticia do incendio da Alhambra, uma das maravilhas architetonicas de Hespanha, causou por toda a parte uma dolorosa impressão.

Felizmente o estrago foi menor do que se temia. Só arderam alguns techos da parte menos interessante do edifício. Nenhuma parte essencial ficou deteriorada. E as reparações que ha a fazer não custarão muito caro.

Diz-se que alguns dias antes do sinistro, se havia notado que varios objectos artisticos tinham sido roubados do palacio da Alhambra, o julga-se que foi o ladrão que largou fogo ao palacio para evitar assim um inquerito e a descoberta do crime.

E' de esperar que muito brevemente o palacio de Boabdil volte ao seu antigo esplendor.

**BARÃO REAL | VÍCIO L. E. | BARÃO DE THIRIDAGE | Unico Inventor | St. Boulevard des Italiens, Paris | Exclusivamente por autoridades militares para a Exposicão da Folia e Danças do Céu.**

### SONHO

*Se um sonho não do meu olhar desvia  
O phantasma da Dôr, que me tortura,  
Reclino-me nas azas da Ventura,  
Ouvindo as notas francesas da Alegría.*

*São canticos de lux e de harmonia,  
D'uma serena lux, que só fulgura,  
Quando o Bem aniquila a Desventura,  
E nos ampara a vida fugidia.*

*Palpita então minha alma sonhadora,  
Como a flor, orvalhada pela aurora,  
Palpita d'lux do sol animador.*

*Porem, se, dominado o meu cansaço,  
Accordo, estendo os braços... e abraço  
A minha crua amante — a Eterna Dôr!*

ARTHUR MAGALHÃES.



AS GRANDES MANOBRAS DO EXERCITO FRANCEZ. — O PRESIDENTE DA REPUBLICA, ACOMPANHADO DO SR. DE FREYCINET, MINISTRO DA GUERRA, PASSANDO EM FRENTE DO EXERCITO.



A ACTRIZ SAMARY, SOCINTARIA DA COMÉDIA-FRANCESA, FALLECIDA NO DIA 18 DE SETEMBRO.



## A VELHA

I

**A**' NOITE, o carro deu a volta e transpôz, num solavanco que o fez oscilar iodo, o carro irregular que se via junto à estrada da herdeira; no ouvirem de dentro de casa o ruído, levantaram a tranqueira d'uma porta que logo se abriu de par em par e apareceu uma mulher destacando sobre a claridade que vinha do aposento como sobre um fundo de oiro pallido.

— E's tu, Jarny?

— Sou eu, sou.

Jarny saltou bruscamente para o chão, e começou a desatrelar. Depois o cavalo, soprando forte, tomou por si mesmo, vagarosamente, o caminho da cavallaria; o dono, depois de bater fortemente no chão com os pés entorpecidos de frio, entrou em casa.

Perto da chaminé, sentada numa cadeira, uma velha niagrisíssima, a mãe da mulher, piscava os pequeninos olhos avermelhados, a única coisa que dava sinal de vida no rosto cheio de rugas; não se mechia, dir-se-hia abstracta em pensamentos que não eram d'este mundo.

Jarny pareceu alegrar-se ao velha; illuminou-se-lhe o semblante num clarão de malícia; depois, como completando em voz alta uma idéa que lhe germinara subita no cérebro, disse:

— Está arranjada a velha! Está arrumada!

E desceu a rir, esfregando as mãos de contente.

Entretanto a mulher punha sobre a mesa suja e gordureira o comer que guarda para elle do calor do rescaldo e olhava-o surprehendida, esfranhando tanta alegria.

De ordinário, Jarny não fazia senão gritar contra a sogra, murmurava da sua inutilidade senil. Às vezes chegava a censurar a mulher, tomava conta de todas as provisões que havia em casa e olhava para ella de forma que parecia acusá-la de encher a mão de gulodices, em segredo, e afinal para quê? para eternizar uma carcassa velha.

Deitou-se ao caldo sofregamente, ingerindo grandes colheradas; mas o rosto agor ia-se-lhe tornando mais carrancudo, parecia que não iora bom para elle o dia, o que lhe dava um ar sombrio, aborrecido.

E, com efeito, depois de beber um copazio e de limpar os beiços à manga da blouse, contou, em poucas palavras, entre duas garfadas de peixe seco, o que lhe succederia. Nada lhe tinha corrido bem; o trigo fôra vendido aquito barato; o recebedor dos impostos recusara attendê-los nos seus pedidos, e não houvera mais remedio senão puxar pelo dinheiro. As rugas do rosto trahiam-lhe a zanga; dir-se-hia que n'aquele momento se estava sentindo expoliado do seu dinheiro, dos seus queridos escudos. De repente, com o gesto heroico de um homem que sabe dominar-se, deixou de bater com a face nas bordas do prato do queijo, voltou-se rapidamente na cadeira e ficou de frente para a chaminé.

De novo um clarão de alegria lhe illuminou o olhar.

E repetiu então:

— Está arranjada a velha! Está arrumada!

A mulher, silenciosa, interrogava-o com o olhar fixo.

E elle explicou:

— Fui à mairie...

— E então?

— Depois fui ao hospital...

— Sim, e então?

— E então arranjei tudo para a tua mãe. Recebem-n-a. Levo-a amanhã de manhã.

Arranjara aquillo tudo, para se desembargar da velha, às escondidas da mulher; e como esta não respondia logo, de admirada que ficara, prosseguiu, zangado, para fazer valer as suas rações:

— Tens porventura tempo para tratar d'ella? Para a apaparcar? Que faz ella ahí? Não estaria melhor lá? Ora diz, hein?...

N'isto, abrandou; sua mulher não se revoltava; pelo contrario, meneava a cabeça n'um gesto indeciso, quasi d'aprovação. Elle prosseguiu:

— Isso que eu digo não é a pura verdade?

Estava vencida toda a resistencia da mulher, que perguntou apenas:

— E custa dinheiro, isso?

— Nada, absolutamente nada.

E ficaram ambos calados.

A velha, immóvel, corcovada pelos annos e pelos arduos e longos trabalhos, agitava os labios delgados e pallidos, quasi invisíveis, num misterioso murmúrio, n'uma oração, entregue à qual iria talvez pouco a pouco adormecendo.

### II

Pela manhã nevava.

Jarny, porém, com a pressa de se desembocar da velha, teimou que havia de leval-a, que não esperava nem mais um dia, nem mais uma hora. Não era por elle, que não tinha o menor gosto de a tirar da casa com aquelle tempo, mas é que depois não quereriam já recebê-la no hospital, que aquillo fiaava muito fino. E, de resto, indo bem agazalhada, não havia dúvida...

Efectivamente tinham-na embrulhado na sua velha capa branca toda amarelecida pelo tempo; depois, na carroça, pozeram-lhe ainda umas roupas e uma esteira suja para ella se encostar em cima, e cobriram-lhe a cabeça com um saco de linhagem.

Fôra preciso, porém, iyal-a, e os membros paralyticos da doente haviam tido contracções con-o se aos ouvidos d'ella tivesse chegado a palavra hospital. Era como que o espanto de um animal decrepito a quem foram arrancar do cais onde se arrumara para morrer, o terror do velho que, ruminando sem cessar a idia da morte, sempre presente ao seu espírito, sem se importar da vida senão com as quatro paredes entre as quais agonisa e com o cemiterio que o espera, se agarra ainda assim a essa mesma vida prestes a fugir, aos moveis que lhe são familiares; ao lar, que synthetiza para elle mundo.

A filha exhortava-a, muito meiga, tendo apenaas de ora em quando uma ou outra phrase de recriminação contra a temosia dos velhos. Que estaria melhor no hospital, diazia-lhe. Depois, iriam vel-á todas as quintas-feiras, dias de mercado.

Mas Jarny, impaciente, fustigou o cavalo, e o veículo, oscillante, rodou pelos carreiros e chegou afinal à estrada marginada de campos embranquecidos pela neve.

— Eh! Arre, besta!

O frio entorpecia os dedos de Jarny e açojava o rosto, gritando-lhe a vez, adusta. Agora, finalmente desembargado, certo de que a velha já não me comeria mais pão em casa, não pensava no lucro que d'abi lhe viria. Deixava a conta, pelo contrario, à despeza que ella lhe fizera durante um anno, em que fôra absolutamente inutil. Imaginava o que esse dinheiro teria rendido empregado d'outra forma, e o seu espírito, mais habituado a correr em revista o passado do que a penetrar o futuro, um d'esses espíritos que repisam os factos consumados tal como os bois ruminam os alimentos, sentia-se amargamente impressionado por ter esperado tanto tempo. Parecia-lhe que todo esse dinheiro lho roubará a velha da algibeira, como na véspera o recebedor dos impostos.

— Eh! Arre, besta!...

Mas na ladeira teve de diminuir a andadura. O cavalo puxava com esforço, quasi arrastando-se. Jarny segurava as redeas attentamente, fazendo estalar o chicote por sobre a cabeça do animal, para o estimular.

Entretanto o frio tornava-se cada vez mais vivo, augmentado pelo vento.

No topo da ladeira, uma casa punha na alvorada uniforme da estrada a nota negra das suas paredes velhas e sujas. Era uma taberna, como se deprehendia da taboleta — *O repouso da montanha*, — onde a gente que voltava do mercado costumava descansar e molhar o bico.

Ao ouvir estalar o chicote, Gaulard, o dono da taberna assumiu á porta.

Jarny, sem dar por isso, affrouxaria o andamento. Por habito, decerto, o cavallo parou. Então Jarny deixou-o resfolar, enquanto Gaulard, do limiar da porta, perguntava:

— Que diabo te traz por cá, com um tempo d'estes?

Jarny explicou o caso em duas palavras, praguejando contra aquella naçada. O outro aprouvou, acrecentando:

— E não tens beber uma golada?

E ao mesmo tempo afastava-se, como para o deixar passar, e meneava a cabeça d'um modo significativo.

Jarny hesitou. Desde que alli chegara que o estava a tentar um bom fogo reconfortante que via chamarrear através das vidraças; depois sentia um certo rancor contra o taberneiro e uma grande vontade de desfarrar-se d'uma partida que, alias por culpa sua, elle lhe ganhara na véspera.

Mas inquietava-o a velha; nem era bom pensar em a tirar e tornar a pôr na carroça. Olhou para ella. Sob o capuz da capa, o rosto rugoso mostrava-se, avermelhado do frio. E o rendeiro pensou:

— Ora! Está bem coberta!

E o taberneiro acabou de o decidir, voltando fôra com um oleado para cobrir o cavalo, e dizendo:

— Vamos a isto depressa!

### III

Jarny não queria jogar senão uma bescada, mas Gaulard ganhou logo, elle quiz continuar e perdeu mais duas vezes a fôr. Levantou-se, afinal, atirando com as cartas.

— A' volta tirarci a desfolla, — disse elle. — Este diabo que abi trago no carro é que me dá azar...

De resto era melhor acabar a jornada.

Quando Jarny saltou para a carroça, esta oscilou como um castello de cartas.

E pegando nas redeas, o camponez praguejou:

— Olha a besta! Fui eu que bebi e ella que se embebedou!

Mas, ao partir, quando agitava o chicote, a velha caiu para o fundo do carro, num movimento automatico de manequim, e ficou de pernas para o ar.

Jarny fez parar o carro e inclinou-se para ella, um tanto ou quanto assustado. E' que ja não tinham brilho os olhos que se destacavam imoveis no rosto encarquilhado, agora muito pallido, da pobresinha.

— Que diabo! — disse Jarny.

O taberneiro approximou-se:

— Ah! Agora já não tens que ter pressa de chegar.

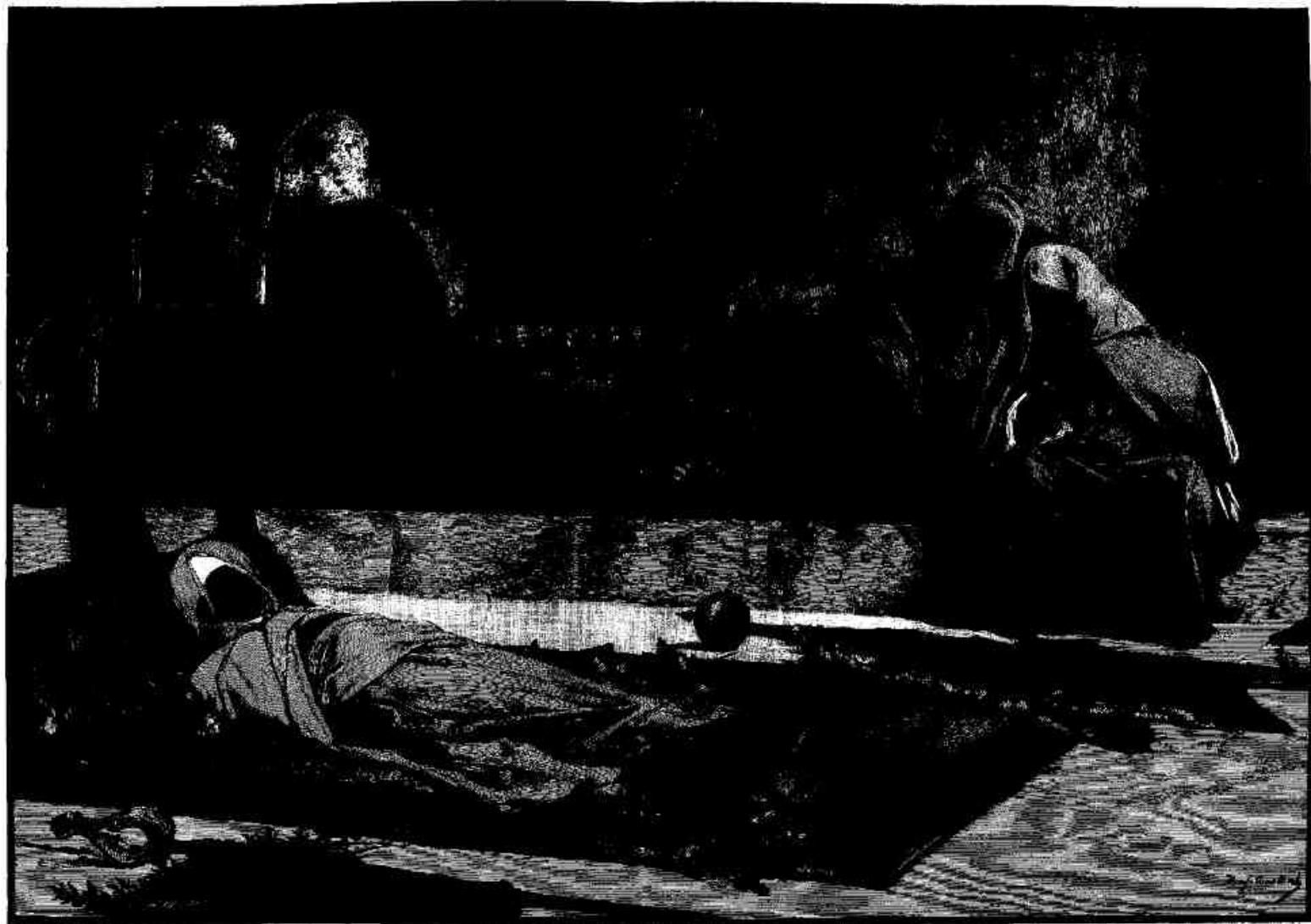
Depois, affectando condolencia, prosseguiu:

— Ora! N'esta edade não havia que esperar outra coisa... Coube-lhe a vez...

Jarny, inquieto, coçava a cabeça e murmurava:

— Quem diabo havia de dizer?!... Mas ninguém me pôde acusar...

Machinalmente, foi pegar na velha, sental-a outra vez, como se ella estivesse viva. N'isto veiu-lhe a cabeça putra ideia:



A Ilustração, n.º 10. — 20 de setembro de 1880.

BELLAS-ARTES. — NO DIA DOS FUNERAES. — (SCENA DE MARROCOS). — QUADRO DE BENJAMIN CONSTANT.

— E recebel-a-hão assim no hospital?

— Estás arranjado!...

— Pois olha que então despejo-lhes à porta a carga da carroça!...

E d'ahi começou logo a pensar n'outra coisa. Tornou a arrepender-se de ter esperado tanto para se desembaraçar da velha.

Desesperava-se só de pensar que o hospital já não teria coisa alguma a dispendar com ella, que só elle aguentaria a carga de princípio a fim. Era como que mais um roubo que lhe fiziam e que o impacientava deveras. Resmungou contrariado:

— Velha bura!

Depois, saltando bruscamente da carroça, berrou para o tasqueiro:

— Vem d'ahi, com seiscentos diabos! Dá-me a desforra!

E os dois homens tornaram a entrar na taberna; e enquanto elles batiam as caras ao clarão da lareira, a velha lá ficava morta, na carroça, e a neve, caindo-lhe sobre o rosto já lívido, embranquecia-o, equalava-o à alvura uniforme da estrada...

JEAN RICHARDIN.



## MAXIMAS

E tão difícil fazer compreender alguma cousa a uma mulher pela razão, como é fácil de a convencer pela commoção.

×

Considerai sempre os libertinos como homens ingenuos, porque é preciso ser muito ingenuo para imaginar que se pode encontrar a felicidade onde os libertinos a procuram.

×

Os homens olham as mulheres da cabeça até aos pés, as mulheres olham os homens dos pés à cabeça.

×

Fazer alguma coisa, de pouco serve; dizer, não serve para nada.

×

Deus fez os imbecis para que os homens d'espirito lamentem menos a vida.

×

O que me desola, é ver que o genio humano tem limites e que a asnoira humana os não tem.

×

Só tem apêgo à vida, os que se ocupam de coisas insignificantes.

×

A cadeia do matrimônio é tão pesada que são precisos dois para a lovar — às vezes traz.

×

Comtudo, de todas as coices que o homem pode fazer, é ainda o casamento o que lhe aconselho sinceramente; é talvez a única que o homem não pode recomendar todos os dias.

×

Comecemos por admirar o que Deus nos mostra, e não nos, sobejard o tempo para procurar o que elle nos oculta.

×

E' mais fácil ser bom para toda a gente, do que para uma só pessoa.

×

Algumas vezes ligamo-nos mais a uma mulher pelas infidelidades que lhe fazemos, do que pela fidelidade que ella nos guarda.

×

E' muitas vezes a mulher que nos inspira as grandes coisas que ella nos impede de realizar.

Pergunta-se porque é que a natureza que organizou tão bem o homem para o mal, o organizou tão mal para o bom.

×

Quinhentos por cento em amor, duzentos por cento em amizade, eis o que nós queremos que produzem os sentimentos humanos.

×

Só censuramos nos outros os defeitos dos quais não tiramos nenhum proveito.

×

As mulheres mui raras vezes se entendem entre si, excepto sobre o mal que ha a dizer d'uma outra mulher.

×

Gostava também de saber porque é que as mulheres, que tanto se irritam quando alguma vez dizemos mal do seu sexo, são tão implacáveis uns para as outras.

×

O homem é a unica coisa que faz duvidar de Deus.

×

Um dos meus amigos, muito mandraço, dizia: « E' inútil aprender durante a vida, pois que se ha de saber tudo depois da morte. »

×

Os homens são tão covardes e tão servis que se os seus tyrannos lhes dissessem que se amassesem, — até se adoravam.

×

Não é a maldade que faz o maior mal, é a estupidez.

×

Gosto mais dos maus do que dos imbecis, porque tem momentos de repouso.

×

Que as mulheres gravem bem isto na memoria: « Que só é digno do seu amor, aquelle que as julgou dignas do seu respeito. »

×

Aqueles que amámos e que perdemos, já não estão onde estavam, mas estão em todos os sitios onde nós estamos.

×

O sentimento que o homem tem da eternidade n'um outro mundo, vem-lhe de raiva de não ser eterno n'este que habitamos.

×

O homem foi criado para utilizar tudo, mesmo a dor.

×

A vernalidade da mulher é o castigo d'aquelle que a compra.

×

Todas as mulheres querem que as estimem, importando-se menos que as respeitem.

×

A unica coisa que ainda me espanta, é que ainda alguém se espante d'alguma coisa.

ALEXANDRE DUMAS.

## NEVER MORE

A JOAQUIM DE ARAUJO.

*Ainda agonisante, ainda latente,  
— ave ferida, em cheio, sobre o rio —  
cão a minha ultima illusão ridente  
da noite infinda no athauze frio...*

*Sonissonos, n'um córo, longamente,  
os meus sonhos, em sequito sombrio,  
clamam: — Benvinda! — á doce irmã silente,  
a cuja perda esta amargura alio... .*

*— Agora e sempre!... — canta o Amor passando,  
em luç e arôma rapido nadando,  
como náuca a minha alma em fundos aí... .*

*Mas, dos sonhos o bando lutulento,  
como nuvens varridas pelo vento,  
dissolve-se, bradando-me: — Jamais!... .*

MANOEL DE MOURA.



## A CARA

oo

## AMIGO ANSELMO

Foi ha sete annos que eu vi pela primeira vez o meu amigo Anselmo.

Ele era de Lisboa como eu, e como eu aqui nato o creado, mas eu não o conhecia, nunca o tinha visto, e se por acaso o vi algumas vezes não tinha dado por elle.

E não admira, porque o Anselmo pertence a uma raça de individuos que é difficilima de fixar.

Nunca vi nada de mais parecido com toda a gente do que elle é.

A gente a primeira vez que o vê julga tê-lo visto já muitas vezes, e quando o vê muitas vezes pensa que é primeira vez que o viu. Nem muito alto nem baixo, como toda a gente; nem trigueiro nem claro, da cor de toda a gente; boca regular, olhos regular, nariz regular; todo elle muito regular, da regularidade terrível dos milhares de exemplares da mesma edição da mesma obra.

Eu conheci-o na viagem á Hespanha em 1883, ha sete annos, vivi com elle em Madrid durante tres semanas, voltei com elle para Lisboa, e depois continuei a não conseguir conhecê-lo.

Passados meses, no Porto, n'um dia de procissão, vi de uma janella da calçada dos Clerigos um sujeito metido entre senhoras, pôr-se de lá a dizer-me muitos adeus, com o sorriso amavel, alegre, de uma grande intimidade.

Olhei em torno de mim para ver a quem se dirigiam aqueles cumprimentos tão rasgados.

As pessoas que me estavam proximo conversavam distraidas, sem olhar sequer para a janella.

Não podiam ser paraellas os cumprimentos; portanto, eram para mim.

Olhei outra vez para lá e o homem desfez-se novamente em acenos de cabeça, em adeus com as mãos.

Sem saber quem elle era, levei delicadamente a mão ao chapéu e fiz-lhe uma cortezia.

A procissão vinha a passar nesse momento.

Estive a vê-la passar com a curiosidade de um turista e não pensei mais no homem do cumprimento.

Depois de passar o cortejo, eu descia tranquilamente a calçada, quando de repente sinto uma forte palmada nas costas.

Voltei-me admirado.

Um sujeito que eu não conhecia estendia-me os braços, abertos em cruz, n'uma grande expansão de amizade.

— Ora viva! Como está você!

— Bem, muito obrigado, respondi eu.

E ia para accrescentar que o sujeito estava equivocado, que me tomava por outro, mas elle não deu tempo a este meu protesto e continuou logo:

— Você ainda agora não me conheceu? Eu logo vi! Pelo cumprimento que me fez, todo ceremonioso, todo diplomático.

— O cumprimento?

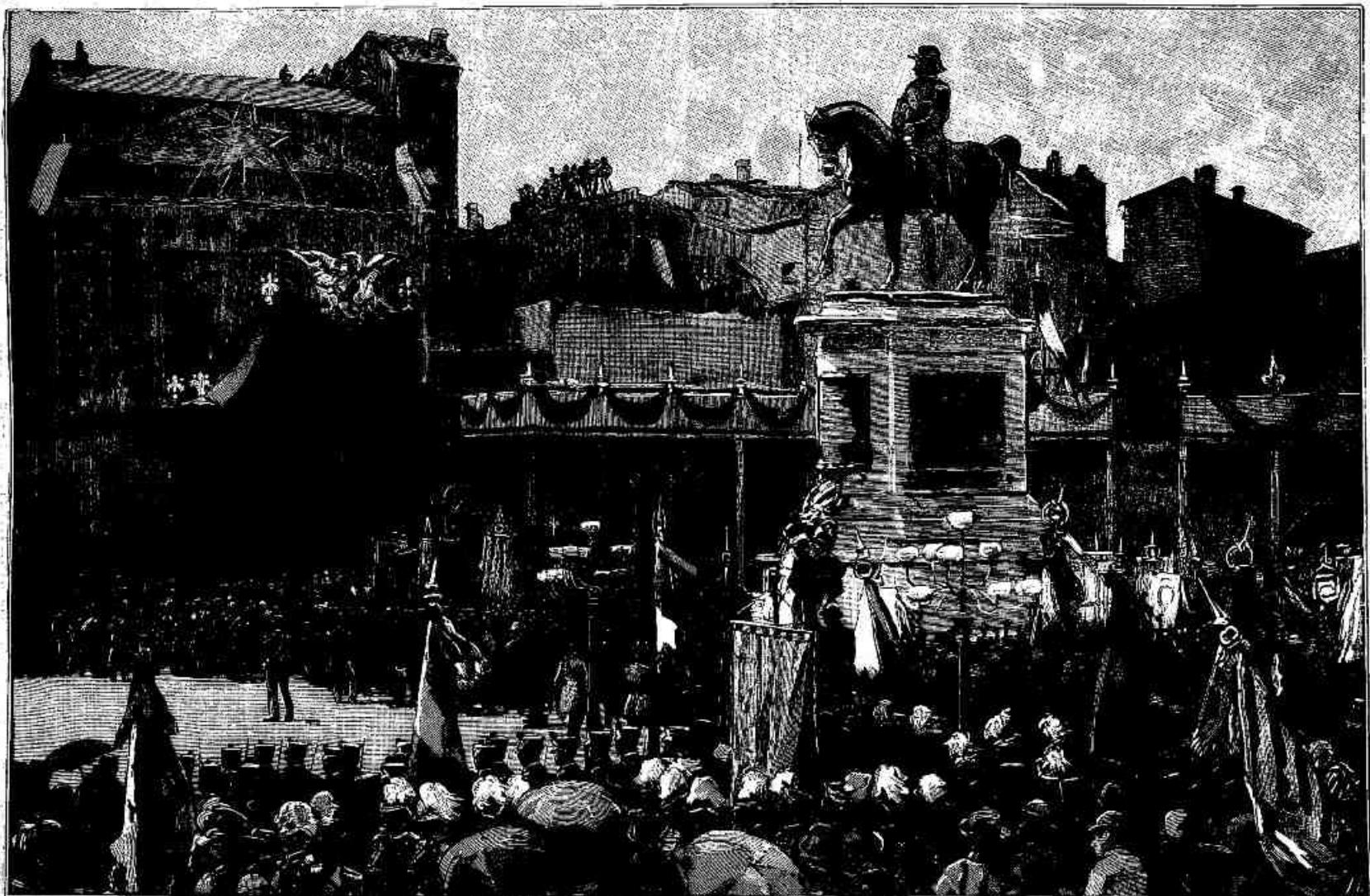
— Sim; quando eu lhe disse adeus, ali da janella.

E apontou para a janella onde eu vira o tal homem cumprimenteiro.

— Ah! era o senhor...

— Era, era, logo vi que você não me tinha conhecido.

— E' verdade, não conheci, respondi eu com



ITALIA. — INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE VICTOR EMMANUEL, EM FLÓRENCIA, EM PRESENÇA DO REI E DA RAINHA DE ITALIA.

## A MODA PARISIENSE

Os meses de setembro e outubro, conforme as prophecias d'alguns doutos astrónomos, pela clemência da temperatura e beleza das tardes e das noites, indemnizou as parisianas dos rigores dos meses precedentes. Em julho e agosto dir-se-ia que estávamos em pleno inverno...

E que desconsolo! Tinham-se mandado fazer lindos vestidos, cuja leveza devia attenuar os efeitos estivais, e não houve uma só vez ocasião de os pôr! Como foram mais felizes as damas da sociedade lisbonense, que puderam exhibir as maravilhas das suas *toilettes* en plena cintura, na festa da sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella, e nas tardes da *Kermesse*, sem recorrerem um só instante o mau tempo!

Felizmente que em França a abertura da caça trouxe um novo *élan* à vida do campo. Estas festas são sempre pretexto para excellentes reuniões mundanas. As castelhas abrem de par em par os portões dos seus *châteaux*, e a alegria reina por toda a parte.

A noite dansa-se, representam-se algumas comedias, faz-se *toilette*, o que é um excelente motivo

para exhibir as vaporosas criações que o próspero mau tempo havia condenado à reclusão...

E é um lindo espetáculo ver brilhar à luz do gaz ou da luz eléctrica estes deliciosos vestidos com o brilho que o sol em França lhes recusou.

Os exercícios do corpo, n'estes últimos tempos tão preconizados para o desenvolvimento da infância, estão também sendo muito usados pelos adultos. Estão em moda os exercícios violentos. Entre os passatempos actualmente em voga, o que mais predomina é o *lawn-tennis*. Como sabem, n'este jogo, a destreza vale mais que a força. As senhoras e as criancinhas podem jogá-lo, obtendo brillantes sucessos.

Jogar o *lawn-tennis* com um vestido de cidade é pouco prático; é preciso haver uma grande liberdade de movimentos, disto depende o sucesso. Adoptou-se para este *sport* uma saia especial, de lã, um quasi nada curta. Eis dois modelos cuja originalidade merece menção especial.

A saia curta é em *serge* azul-marinho com listas brancas; o corpete forma blusa de caca de pregas lisas, apertada na cintura por um cinto de couro branco bastante largo; o collarinho e os punhos d'esta blusa são igualmente de couro branco; um



chapéu azul, a fita e as abas do verniz branco, completa esta graciosa fantasia.

Um outro costume mais elegante ainda. Uma saia curta de lã branca na qual estão semeados desenhos a encarnado de *raquette* (*raquette* é o instrumento com que se atira e se apara a pele no *lawn-tennis*). Comissela em *jersey* de seda listrada com largas listas encarnadas e brancas; e um casaco de fazenda branca sem mangas, bandas de seda branca. As mangas estão ligadas ao corpete e são de mesma fazenda. Para a cabeça um *bonnet napoleão*, e como calcado, sapatos amarelos sem tacões.

O que será a moda do proximo inverno parisense...? Seria grande ausadia da minha parte pretender resolver hoje este grave problema, quando ainda ninguém penetrou o segredo dos deuses, quer dizer das deusas do Olympo de Paris. De que nasce a moda? d'uma multidão improvista de circunstâncias, de mil nadas que fazem com que uma novidade agrade e seja recitada um milhão de vezes, — enquanto ninguém adopta uma outra que aparece ao mesmo tempo. A razão? É humanamente impossível dizer-a. Inventam-se modelos constantemente, e o publico acolhe-os ou repele-os, sem saber por quê.



De resto, as elegantes pouco se preocupam desde setembro até a primeira quinzena de outubro com o que se ha de trazer no inverno. O que as preocupa, e com justos motivos, são os vestidos de meia-estação tão próprios para esta época.

Eis os conselhos que julgo poder dar às minhas leitoras de Lisboa e Porto.

As cores vivas, tão procuradas para as *toilettes* de verão, são substituídas por cores desvaídas ou neutras. As lás misturadas oferecem um grande sortimento de novas fantasias.

As saias deverão ser lisas, um pouco onduladas na frente; estas ondas são produzidas por pregas cahidas dos quadris. Uma camiseta de fantasia, muito alta, com muitos botões ou sem nenhum. O corpete forma *jaquette*, mais comprido que os corpetes ordinários; as bandas acabam no começo da cintura.

Tal é a *toilette* da meia-estação que recomendo vivamente às minhas leitoras, n'este momento em que voltam das praias, pois que o inverno ainda não surgiu em Portugal com as chuvas e frios com que se faz anunciar em Paris, logo na primeira quinzena de novembro.

MARIE DE CANORS.

muita vontade de lhe dizer que nem agora mesmo era mais feliz, porque ao pé não o conhecia mais do que no longe.

— Eu disse isso mesmo a minha mulher. O Gervasio cumprimentou-me mas não me conheceu... Ele é muito myope.

— Srt. sou bastante...

— Então o que tem feito...

— Eu ando por aqui.

— Olhe, lá está minha mulher a cumprimentar-o.

— Ah! sim! é verdade!

E tirando o chapéu murmurou em voz baixa:

— Minha senhora!

— E aquela é o meu garoto, continuou elle.

— O seu garoto?

— Sim... o Xana...

— O Xana! repetiu eu muito espantado.

Lembra-se d'elle, hein?

— Do Xana? perguntei muito embarçado, porque tendo-me lembrado de muitas coisas da minha vida, o Xana fôr precisamente uma das coisas de que nunca me lembrai.

— Sim! Tão poucas vezes lhe falei eu n'elle em Madrid.

Madrid foi um raio de luz para mim. Enfim lembrei-me de tudo, do homem que me fallava, e do tal Xana, o seu menino com quem elle quebrava a cabeça a toda a gente que encontrava em Madrid.

Não dei o meu braço a torcer, e tendo reconhecido o meu interlocutor, sabendo finalmente com quem era que estava falando, continuei a falar com elle como se tivesse sabido isso desde o princípio.

Conversámos um pedaço, o mais curto que eu pude conseguir fazê-lo, e depois separamo-nos.

D'ali a duas noites passava eu com uns amigos no jardim do palacio de Crystal, aparecendo de repente diante de mim um homem que eu não conheci e que me chama de parte.

— Chegou o momento! disse-me elle muito contente.

— O momento de que?

— Ande cá. Minha mulher está alli.

— Sua mulher?

— Sim. Vou apresentá-la. Ela está morta por conhecê-la.

— Mas quem... comecei eu a dizer, com a idéa de lhe perguntar quem era elle.

— E quero apresentar-lhe também o meu rapaz...

— O seu rapaz?

— Sim. O Xana!

O Xana foi um novo raio de lux. Tornai a cahir em mim; o homem era o meu amigo Anselmo.

E com elle tenho andado sempre nestes tumultos, a cahir todos os dias em mim mesmo, porque a cara d'elle é tão anodina, é a mesma cara de tanta gente, que não ha maneira de fixá-la, de reconhecer-a.

E não é só a mim que isso acontece. Segundo depois me contaram, a mulher d'elle acontece a mesma coisa. As más linguas rosnam coisas escandalosas, mas parece averiguado que as más linguas não tem razão nenhuma.

A esposa do meu amigo Anselmo não o tem enganado, tem-se enganado, o que muda de figura.

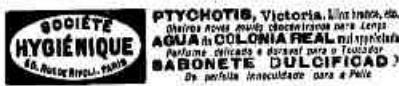
O seu marido parece-se com tanta gente, que ella tem tomado muitas vezes essa tanta gente pelo seu marido.

A culpa não é d'ella, nem d'elle no fim de contas, é do acaso.

A cara do Anselmo confunde-se tanto com outras caras, que a pobre senhora não teve remedio senão pôr-lhe um signal para o ficar conhecendo.

Mas com isso ninguem tem nada: é uma precaução intima que está fôr do domínio do público.

GERVASIO LEBATO.



## Junto ao tumulo de meu irmão o dr. Carlos Ramos, falecido em Paris.

Entre loureiros, lapides e heras,  
Venho encontrar aqui, meu pobre amigo,  
Este sombrio e derradeiro abrigo  
De tuas primaveras...

×

Eu procurei seu rosto presenteiro  
Pela terra estrangeira em toda a parte:  
Mas, a mão que ensinou-me onde encontrar-te  
Foi a mão... do coveiro.

×

Da mocidade em ideal transporte,  
Atravessaste os yugas do ociano;  
Tu seguias, sorrindo, o fatal plano  
Tenebroso da morte!

×

Minha opprimida fronte, que se inclina  
Contemplando-te as cinzas tão de porto,  
Geme, — como essas aves do deserto  
Junto de uma ruína...

×

Rôto da vida o rápido equilíbrio,  
A alma desparte e deixa-nos a ossada:  
Ao nosso amor o que responde?... Oh, nada!  
Tudo é sonho ou ludibrião!

×

Pelos ramos do proximo salgueiro,  
Que a revolta dos pardões procura,  
Vibre a elegia extrema da amargura  
Pelo teo captivoiro.

×

Que figuras estranhas a teo lado!  
Nuttres do sangue teo extranhas flores:  
Trago de longe o ardor das minhas dores  
A teo leito gelado.

×

Vamos, meu doce irmão, eu, peregrino,  
Levo teo corpo; e, joia mutilada,  
Dou o que resta, à patria bem amada,  
Do roubo do destino.

Paris, julho 1890.

EDUARDO RAMOS.

## A REVISTA DAS REVISTAS

### Um remedio contra as nevralgias.

M. Leslie afirma que o sal pulverizado (em pitadas ou em insuflação no nariz) é um remedio infalivel contra as nevralgias e as cephalias de qualquer natureza. A sua acção manifesta-se na maior parte dos casos quasi instantaneamente. Alom de que o sal da cosinha, tomado interiormente, é um remedio popular contra a enxaqueca.

### Indicação das ruas pela luz electrica.

Um inspector das ruas de S. Luiz, nos Estados Unidos, adoptou um novo methodo para indicação dos nomes das ruas, que permite reconhecer as mesmas nas noites mais escuras. Os nomes das ruas são pintados sobre gloos transparentes com lampadas de arco, e projectam os nomes no chão

em forma de sombra. As letras são grandes para se forem a mais de 15 metros de distancia, porque tem mais de 1 met. 50 de altura. É um bom exemplo a seguir em todas as cidades iluminadas pelo arco voltaico.

### Impermeavel universal.

Para tornar os tecidos impermeaveis, emprega-se ha muito tempo o acetato de alumina; mas como este sal está no estado pulverulento, desprende-se so a ação das fricções que soffrem os estofos.

Segundo o *Moniteur des produits chimiques*, M<sup>me</sup> Orloy remediou este inconveniente em aggiuntando ao agente impermeabilizador um verniz insolvel e não polvoroso, que não dá cabo do tecido.

Este substratum insolvel é aplicado seco e quente depois da passagem nos banhos de acetato de alumina, do sabão e depois de secar num estufa, á temperatura de 30°.

O banho de sabão compõe-se d'uma solução de sabão, de parafina e de resina. O banho de alumina prepara-se a 4 por 100. Para as telas, o banho de acetato de alumina deve ser precedido d'um banho de noz de galha, bem conhecido dos tintureiros. Depois d'estas preparações, o estofo é posto sobre uma tela metallica aquecida entre 30° e 50°. Recebe então a ultima preparação, composta de 60 partes de parafina por 30 partes de cera e 15 de vaselina.

Segundo a cér obter, pode-se aggiuntar um sabão metallico, como sabão de ferro, de cobre, de zinco, etc. O processo é igualmente applicável aos papeis, aos coiros, aos cordânes, etc.

### Jardim Zoologico.

A situação do Jardim Zoologico, n'um arrabalde de acesso extremamente difícil aos grandes veículos baratos, no alto da triste, da monotona, da pniacente, da ingreme calçada de S. José e da subida de S. Sebastião da Pedreira, dificulta a concorrência e não poderá manter-se por muito tempo. Será preciso que o jardim se approxime de alguma das grandes avenidas da cidade, ou que se construa para elle uma estrada plana e longa, comodamente carrojavel.

Faz pena ver a vereação do município esquecer-se d'este assumpto, e deixar perigar o futuro de uma empreza altamente civilizadora, malbaratando a receita votada ao custelo dos parques e dos jardins publicos, nas cascatinhas de presepio da avenida da Liberdade, e nos seus lagosinhos do mais pretenecioso, do mais mesquinho, do mais ridículo e reles genero de falso rustic.

A colleção zoologica do novo jardim não é muito numerosa, mas é assaz variada e acha-se instalada com gosto pitoresco, com graça artística. Não pôde por em quanto aspirar á importancia de uma escola praticia de acclimação, mas por meio de seu lindo aviário, da sua colleção de quadrumanos, dos seus bucolicos estabulos, dos seus viveiros, dos seus lagos, dos seus jogos infantis, das refeições de leite, dos passeiosinhos em carrogem, em poney ou em dromedário, que proporciona ts creanças — o jardim zoologico dispõe já dos suficientes encantos para que as mães o visitem em cumprimento de um doce dever, com os seus filhos pela mão, para que os pintores se comprazam em plantar o cavalete em algum de seus tranquilos e risonhos recantos, para que, enfim, a gente se reúna ai, ao sol no inverno ou à sombra no verão, no estação das violetas ou na estação das rosas, para alguma cousa mais honesta, mais moral e mais util de que mostremos uns aos outros, e mais as outras, a cér das nossas gravatas, o talho dos nossos vestons, os pontos das nossas rendas e os botões das nossas luvas, n'essa misera feira de trapo e de namoro, em que até aqui se resumia a vida de parque e a vida de jardim para o publico de Lisboa.

RAMALHO ORTIGAO.

### A PASTA DENTIFRICIA DE BOTOT

TEREMOS UM TORAN AS PRIMERAS CASAS  
E NO EL DEPOSITO CANAL DE LA

UNICA VERDADERA AGUA DE BOTOT

PARIS — 17, Rue de la Paix, 17 — PARIS

Uma boa historia bordalaise.

Ha cinco ou seis annos, um oficial de marinha frances, chamado Carjuzac, tomou-se de razões, num café, com um tal sr. Caminade, negociante de cereais.

Carjuzac enhou-lhe duas testemunhas.

— Meus caros senhores, respondeu-lhes Caminade, eu não desejo outra coisa senão bater-me, mas o que é preciso é que o jogo seja igual entre os adversários. Carjuzac é só no mundo eu tenho tres filhos; quando elle tiver tres filhos ponha-me à sua disposição.

Carjuzac era cabeçudo. Havia na sua vizinhança um barbeiro, fio de um a formosa filha de olhos negros. Pediu-lhe a sua mão, casou-se e fez todos

os esforços para ser pai no menor tempo possível. Conseguiu-o por varias vezes, sempre com a mesma ideia fixa.

Ao fim de dous annos e meio, appresentou-se em casa do Caminade, com duas crianças nos braços, e seguido da ama de leite que levava o terceiro.

— Estão, Caminade, exclamou elle em um tem vitorioso, podemos agora resolver o nosso negócio... Tenho tres filhos.

— Pois sim, sim, responde Caminade, e eu tenho agora cinco.

— Quantas mulheres tem? pergunta-lhe o missionário.

— Duas apenas, responde o selvagem.

— Ha uma de mais, torna o padre; quando tiver só uma volte ei para o baptizar.

Dias depois voltou:

— Agora só tenho uma, diz o selvagem.

— Ah! muito bem, muito bem, replica o santo missionário, tomando uma pilada. E a outra?

— A outra... comi-a!

**SUSPENSORIOS MILLERET**, elasticose sem passadeiras. *Le Gonidec*, 13, r. Etienne-Marcel, Paris.



## Printemps NOVIDADES

### Envia-se gratis, franco

O catalogo geral ilustrado, em português ou em francês, contendo todas as novidades para a ESTAÇÃO do INVERNO a quem o pedir em carta devolvida frimamente e dirigida a

**MM. JULES JALUZOT & C°**

PARIS

ão igualmente enviadas fringes as amostras de todos os tecidos que compõe os numerosos sortimentos de PAINTEMPS, especialmente-se para os homens e os jovens.

Escreva para todos os países de mundo

Este Catalogo indica condicões para a expedição.

Correspondência em todas as lojas

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:

TRAVESSA DE S. NICOLAU, 164.

**EXPOSITION UNIVE. 1878**  
Médaille d'Or Croix de Chevalier  
LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES  
PERFUMARIA ESPECIAL  
**LACTEINA**  
E. COUDRAY

Fabricada pelas Celestinas Reais de Paris

PAR TODAS AS NECESSIDADES DO TOUCADOR

PRODUTOS ESPECIAIS  
FLORES de ARANJO da LACTEINA para brincar e penteado  
SABONÉS da LACTEINA para a cara e toucador.  
CREME e FÔO de SABONÉS da LACTEINA para a barba.  
POMADA da LACTEINA para a cabeça dos cavalos.  
ÁGUA da LACTEINA para o toucador.  
ÓLEO da LACTEINA para enxertar os cabelos.  
ESSENCE da LACTEINA para becos.  
SABONÉS da LACTEINA para a pele.  
Creme LACTEINA chamado salão da pele.  
LACTEINA para aranjo a gelo.

ESTE ARTIGO ENCAMINHA-SE NA PARIFICA  
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS

Disponível em todas as Perfumarias,

Pharmacias e Cabellereiros da América.



ESTRITILHOS

**LEOTY**

adoptados pelo  
high-life  
parisiense.

8, P. de la Madeleine

PARIS

Em todos os Perfumistas e Cabellereiros  
de França e do Exterior

**A VELOUTINE**  
PO D'ASTOR  
especial  
PARAPARE COM DISMUTINO  
Por CH. PAY, Perfumista  
9, rue de la Paix, PARIS

**CALLIFLORE**

Fior de Bellona

POS ANTIVERTENTES INVINCIBILIS

Grande novo modo porque se empregam estes  
pos antivertentes se recupera uma maravilhosa e duradoura  
sensação de conforto de que aquela quase desaparece. Algo des brancos do natural perfume, em outras de  
quatro tonalidades diferentes, Rosé e Rosa, Verde e  
uma pallida até se muda de cor. Pode ser pola, cada  
passo envolver a cor que mais lhe convém no rosto.

**AGNEL**, Fabricante de Perfumes, em PARIS

FABRICA & EXPEDICION: 16, AVENUE DE L'OPERA

Na sua Sétia Curas de perdida por malo dos bairros mais ricos de Paris.

LISBOA. — MM. Vº de Castanho José da Costa 9 Pº, rua Nova do Carmo, 68 e 72.

**DOENÇAS do ESTOMAGO**

**ELIXIR GREZ**

GASTRALGIA  
ANEMIA  
Vomitos  
Diarréa  
chronica

TONICO - DIGESTIVO com QUINA, COCOA e PEPSINA  
ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS - Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra

PARIS — GR. 2, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacias



**ORGAS D'ALEXANDRE**

Pore et fils

108, rue Michelieu

PARIS

MEDAILHA D'OR

1889

MEDAILHA D'OURD

1890

ORGAS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGAS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)

EXPODE-SE FRANCA A QUEM O PEDIR

e Catalogo Ilustrado

ORGASOS

ORGASOS DE MRS

DRUGAS

EUTER MEDICOS

ORGASOS HARMONIUMS

VALOR 100 FRANCOS (1 LITRO)

ATÉ 1000 FRANCOS (10 LITROS)



O INCENDIO DE ALHAMBRA. — ARCADA PRINCIPAL DA GALLERIA DA ENTRADA DO SALÃO DOS EMBAIAXADORES, E PÁTIO DE JOANA A LOUCA, DEPOIS DO INCENDIO.

### LA SCIENCE AMUSANTE

Par TOM-TIT

115 Gravuras sobre madeira, 100 Experiências e Recreações científicas que podem facilmente ser reproduzidas em família, sem apparatus, por meio de objectos que qualquer tem à mão.

Um bello volume in-8º com cerca de 300 páginas.

Preço : brochado..... 3 fr.  
Encadernado, com as folhas lascadas..... 4 fr.  
Encadernado, com as folhas degradadas..... 4 f. 50

Livraria LAROUSSE, 15, 17 e 19, rue Montparnasse, Paris e em todas as livrarias.



Occupando lugar n'uma biblioteca de mais de 1500 volumes. — 17 grossos volumes grande in-4º entregues imediatamente. — 34400 páginas. — 3000 gravuras.

Preço brochado : 650 francos; encadernado, 750 francos.

O 2.º SUPLEMENTO do Grande Dictionnaire Universal (tomo 17), acaba de aparecer. É o melhor de todos os Dicionários e de todas as encyclopédias.

Um grosso volume de 300 páginas (25000 artigos d'actualidade). Brochado, 85 francos; encadernado, 100 francos.

### ARITHMOGRAPHO TRONCET

Calculador mecânico instantâneo com instrução permitindo operar seguramente depois de uma hora ou duas de exercício. Muito útil para tomar notas, efectuar ou verificar cálculos.

Para as 4 operações ate 10 milhões elegante apparelho-calculista com capa em tela e títulos em ouro..... 4 fr.

O mesmo apparelho, unicamente para adição e subtração..... 21.50

## NOVO JORNAL

Vae apparer brevemente em Lisboa um novo jornal político, noticioso, absolutamente independente, de que é director o sr. MARIANO PINA. O novo jornal, feito sobre os melhores modelos da imprensa europeia e americana, sahirá á tarde, custando cada numero : 10 réis. Será collaborado por alguns dos mais distintos publicistas do nosso paiz. — REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO :

RUA IVENS, 20. — LISBOA.

## GUERLAIN de PARIS

15, rue de la Paix — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Aqua de Colonia Imperial. — Sapocetti, sabonete de loçador. — Creme Jacobino (4 subfrascos Crema) para a barba. — Cremedo Morningas para amaciá-la pele. — Pó de Ciprins para brancúar e cutis. — Skibouta cristalizado, para o cabello e barba. — Água Akkentense e água Lençóis para purificar e limpar a cabeça. — Maria Christina. — Faz Rosa. — Hammel de Cintra. — Melitroya branco. — Exposition de Turia. — Imperial Russo. — Imperial de Brusil, para o linceo. — Áqua de Colonia Imperial Russa. — Áqua de Odéra e água de Chypres para o loçador. — Alcohol de Cachetaria, para a boca.

## BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE

contra dysenteria, diarréa, gastralgias, colídez.

• GRAOS de BROMHYDRATO DE QUININA BOILLE contra méntrias, febres, enxaquecas, Gota. — 14, r. Louz-Arte, PARIS, e Flushing.

## LA CHARMERESSE

Pó refrigerante, o non plus ultra das pós de belas. A compunção absolutamente pura no ponto de vista da hygiene, e sua fisionomia, encantadora e a sua perfumaria adorável. Tudo recomenda-lhe a sua paixão pelas delícias. Refresca a pele, aliviam a rego, da do resto branura, pálida, arredade, o deserto do cansaço e faz desaparecer elas por completo, todos os impertinentes, erisípsis, alergias, vermofitílos, etc. Para o brilho das tes, baile ou casamento, solitário. — CHARMERESSE CONCENTRADA. — 100 gramos, 1 flor. — NOVIDADE. — DUSSER, inventado, Paris, J.-J. Rousseau, n.º 1, Paris. — Em Lisboa GODFREY, Rua Garrett, 76; EMPORIO & C. Pedro (Rodrigo), e os señores Príncipes de Lisboa e de Brasil.

Le Gérant : P. MOUILLOT.

PARIS. — IMPRENSA DE P. MOUILLOT, 13, QUAI VOLTAIRE.